

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

15 Jun 2018
21:00 Sala Suggia

Baldur Brönnimann *direcção musical*
Veriko Tchumburidze *violino*

1ª PARTE

Igor Stravinski

Canção fúnebre, op. 5 (1908; c.12min)

Aram Khatchaturian

Concerto para violino e orquestra, em Ré maior (1940; c.35min)

1. *Allegro con fermezza*
2. *Andante sostenuto*
3. *Allegro vivace*

2ª PARTE

Sergei Rachmaninoff

Danças Sinfónicas, op. 45 (1940; c.37min)

1. *Non allegro*
2. *Andante con moto – Tempo di valse*
3. *Lento assai – Allegro vivace*





A STAR ALLIANCE MEMBER

Os músicos voaram na TAP AIR Portugal,
a companhia aérea da Casa da Música.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Igor Stravinski

ORANIENBAUM (RÚSSIA), 17 DE JUNHO DE 1882

NOVA IORQUE, 6 DE ABRIL DE 1971

Canção fúnebre, op. 5

Igor Stravinski foi discípulo de Nikolai Rimski-Korsakov no início do séc. XX. “Nos anos de 1903, 1904 e 1905 eu estava sempre na casa dele. (...) As suas inesquecíveis lições duravam pouco mais de uma hora e realizavam-se duas vezes por semana”, conta Stravinski a Robert Craft, numa das várias conversas entre os dois, publicadas em 1959. “Nunca me elogiou; ele era sempre muito calado e poupado no elogio aos seus alunos. Mas os seus amigos contaram-me, depois da sua morte, que ele falou com grande entusiasmo da partitura do *Scherzo [Fantastique]*”, continua.

Stravinski fica devastado quando Rimski-Korsakov falece em Junho de 1908. Para homenagear o seu Mestre, compõe a *Canção fúnebre*, op. 5. A obra foi estreada a 30 de Janeiro de 1909 (17 de Janeiro se considerarmos o calendário russo que vigorava no país à data), num Concerto Sinfónico Russo em memória de Nicolai Rimski-Korsakov, com Felix Blumenthal a dirigir a orquestra do Conde Sheremetev na Sala Grande do Conservatório de São Petersburgo. Depois da estreia a partitura desapareceu. Até que, em 2015, quando o edifício do Conservatório de São Petersburgo foi esvaziado para obras de renovação, a musicóloga Natalia Braginskaya, especialista na obra de Igor Stravinski, descobriu, numa pilha de papéis arrumados num canto recôndito da biblioteca, as partes de orquestra manuscritas da *Canção fúnebre*, que haviam sido copiadas em 1908 por copistas profissionais pagos pelos Concertos Sinfónicos Russos. De acordo com

as notas incluídas na partitura editada pela Boosey & Hawkes em 2017, estas partes contêm anotações feitas pelos músicos e correções efectuadas pelo compositor por altura da preparação da estreia da obra, em Janeiro de 1909.

Quando publicou a sua autobiografia, em 1936, Stravinski recordou assim a composição da *Canção fúnebre*: “Já não me lembro da música, mas lembro-me da ideia que esteve na génese da concepção da obra e que consistia em colocar todos os instrumentos solistas da orquestra a passar sucessivamente pelo túmulo do Mestre, cada um colocando a sua própria melodia, como se fosse uma coroa de flores, tendo como pano de fundo trémulos a simular os murmúrios das vozes graves de um coro. A impressão que causou no público, e em mim, foi marcante, mas não consigo avaliar se foi pela atmosfera de luto ou pelo mérito da obra”.

A *Canção fúnebre* op. 5 desenrola-se num único andamento, *Lento assai*, e, para além das cordas, conta com uma orquestra formada por 3 flautas (com a terceira a ser dobrada pelo piccolo), 2 oboés, corne inglês, 3 clarinetes (o terceiro dobrado pelo clarinete baixo), 3 fagotes (o terceiro dobrado pelo contrafagote), 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, timbales, pratos, bombo, tam-tam, piano e duas harpas. É à trompa que cabe apresentar a melodia densa, escura, impactante que circulará por todos os instrumentos da orquestra, conforme a descrição do compositor.

A segunda interpretação da *Canção fúnebre* op. 5 ocorreu a 2 de Dezembro de 2016, na Sala de Concertos do Teatro Mariinski, em São Petersburgo, com o maestro Valery Gergiev a dirigir a orquestra daquele teatro, no concerto de abertura do Ano Stravinski.

Aram Khatchaturian

TBILISI, 6 DE JUNHO DE 1903

MOSCOVO, 1 DE MAIO DE 1978

Concerto para violino e orquestra, em Ré maior

Nascido na Arménia, Aram Khatchaturian é um compositor formado na antiga URSS, devido à anexação do seu país natal pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1922. A sua educação musical formal começou quando, aos 18 anos, se mudou para Moscovo com o propósito de estudar biologia e decidiu ter lições de violoncelo no prestigiado Instituto Gnesin. Acaba por decidir abandonar a universidade para se matricular no Conservatório de Música de Moscovo, onde se forma em Composição.

A Primeira Sinfonia, composta em 1934 para a conclusão do curso do conservatório, o Concerto para piano, escrito dois anos depois, e o Concerto para violino que vai ser interpretado esta noite catapultaram-no para um sucesso tão grande quanto imediato na URSS. Khatchaturian depressa se tornou um dos compositores favoritos do regime soviético. Escreveu música para diversos filmes e ballets, “aprovada” pelas altas instâncias políticas.

Dedicado a David Oistrakh, o Concerto para violino e orquestra em Ré maior foi composto em apenas dois meses, durante o Verão de 1940, e estreado pelo seu dedicatário a 16 de Novembro desse mesmo ano, em Moscovo. Nove anos mais tarde, a obra seria distinguida com o Prémio Estaline, a mais alta condecoração artística da URSS.

“Escrevi esta obra envolto numa onda de felicidade; todo o meu ser estava num estado de alegria plena porque estava à espera do nascimento do meu filho. E este sentimento, este amor

pela vida, foi transmitido à música que estava a compor”, conta Khatchaturian. Essa felicidade transparece efectivamente durante toda a obra. Assim como transparece, também, o exotismo e o carácter da música popular arménia que o compositor tão bem soube absorver e integrar na obra concertante.

O primeiro andamento, *Allegro con fermezza*, é uma forma sonata com dois temas contrastantes: o primeiro, de forte pendor rítmico e carácter firme e decidido; o segundo, muito mais lírico a desprender um travo exótico. Surpreende a entrada impetuosa da orquestra. Surpreende, também, o aparecimento da cadência (escrita por Oistrakh e de extrema dificuldade técnica) logo após a reexposição e não imediatamente antes do final, como é hábito nas obras concertantes.

No *Andante sostenuto*, Khatchaturian escreve uma longa introdução para orquestra protagonizada pelos instrumentos de registo grave (atente-se no recitativo inicial do fagote). Surge, depois, o violino solista com uma belíssima melodia que confere ao andamento central do concerto uma ambiência triste e sombria.

O terceiro andamento, *Allegro vivace*, é uma explosão de alegria e júbilo. O tema principal do solista é uma derivação do tema rítmico do primeiro andamento. Mas, mais uma vez, Khatchaturian dá a primazia à orquestra. E a introdução que ele escreve para a orquestra é um hino à arte de orquestrar, é uma lição sobre como combinar diferentes timbres e sonoridades. Neste último andamento volta a sobressair a forte influência da música popular da Arménia na obra do compositor.

A exuberância e o fulgor deste Concerto fazem com que seja uma obra obrigatória no repertório para violino.

Sergei Rachmaninoff

ONEG (RÚSSIA), 1 DE ABRIL DE 1873

BEVERLY HILL, 28 DE MARÇO DE 1943

Danças Sinfónicas, op. 45

A obra que encerra o concerto desta noite é a derradeira composição de Sergei Rachmaninoff. Foi escrita nos EUA, entre o Verão e o início do Outono de 1940 (três anos antes da morte do compositor), e dedicada a Eugene Ormandy e à orquestra que este maestro então dirigia, a Orquestra de Filadélfia. Com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, Rachmaninoff, que vivia na Suíça, numa propriedade cercana ao Lago Lucerna, decidira abandonar a Europa e radicar-se nos EUA, país que conhecia muito bem mercê das várias viagens que havia realizado desde 1909.

No Verão de 1940, o compositor russo esteve bastante atarefado a preparar a sua próxima *tournée* de concertos pelo continente norte-americano, circunstância que não foi de todo impeditiva da criação de mais uma obra, desta vez sinfónica. Data de 21 de Agosto uma carta que escreve a Ormandy contando que acabava de terminar “uma nova obra sinfónica, que naturalmente te quero dar a ti, em primeiro lugar, e à tua orquestra. Chama-se *Danças Fantásticas*. Devo começar agora a orquestração.” O compositor pretendia designar os três andamentos que compunham a obra por *Meio-dia*, *Crepúsculo* e *Meia-noite*, mas acabou por mudar de ideias quanto a estes títulos e ao da própria obra, tendo as três *Danças Sinfónicas* recebido as seguintes designações: *Non allegro*; *Andante con moto* (*Tempo di valse*); e *Lento assai – Allegro vivace*.

Antes de dar a partitura ao dedicatário e à sua orquestra, Rachmaninoff tocou alguns

excertos ao seu amigo, o coreógrafo Michel Fokine. A intenção do compositor era saber se Fokine gostava das *Danças* ao ponto de as coreografar, como havia feito em 1939 com a *Rapsódia sobre um tema de Paganini* que se converteria no bailado *Paganini*. Fokine ficou, de facto, entusiasmado, mas faleceu repentinamente em Agosto de 1942 fazendo gorar as intenções de Rachmaninoff.

A partitura das *Danças Sinfónicas* op. 45 pede uma orquestra formada por 2 flautas, piccolo, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarinete baixo, saxofone alto, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, harpa, piano, timbales, percussão (glockenspiel, xilofone, carrilhão, triângulo, pandeireta, tambor, pratos e tam-tam) e cordas.

O andamento inicial traz a grande novidade de incluir um extenso solo de saxofone, instrumento para o qual Rachmaninoff nunca antes havia escrito. É uma belíssima melodia, com um travo nostálgico a fazer lembrar o país natal do compositor, e com um forte carácter vocal, que nos remete para as linhas melódicas longas, emotivas e plásticas que Rachmaninoff criava na década de 1900. Foi concebida com a ajuda do famoso compositor da Broadway, Robert Russell Bennett. Na coda, Rachmaninoff cita o tema inicial da sua Primeira Sinfonia, uma obra que foi recebida de forma desastrosa quando estreou em São Petersburgo, em 1897, e que o compositor destruiu. A citação que surge na primeira das três danças era por isso, na altura, uma citação “privada”. Mas a Sinfonia foi reconstruída a partir de uma versão para dois pianos e de várias partes de orquestra que se conservaram, após o falecimento do compositor, e a citação ficou à vista de todos.

O *Andante con moto* é uma valsa em 6/8 que faz lembrar a famosa obra de Ravel, *La Valse*, muito por causa das combinações harmónicas

e tímbricas utilizadas por Rachmaninoff. A valsa começa com três partidas em falso (uma sequência de acordes dissonantes nos metais interrompe o ritmo de valsa criado pelas cordas), a partir das quais um tema introduzido primeiro pelo corne inglês e oboé, e depois pelas cordas, nos remete para um ambiente de dança que se torna bizarro pelo contínuo aparecimento de elementos novos que quebram o ritmo de valsa.

A terceira e última *Dança Sinfônica* é abundante em citações: a primeira é a do tema do *Dies irae*, modificado ritmicamente e com diversas harmonizações; a segunda remete para o repertório litúrgico ortodoxo. Todavia, Rachmaninoff integra-as de forma brilhante obtendo como resultado um andamento poderoso, com um forte pendor emocional, onde o jogo de timbres tem um papel preponderante.

As *Danças Sinfônicas* op. 45 foram estreadas em Janeiro de 1941, em Filadélfia, pelos dedicatários da obra: a orquestra da cidade dirigida por Eugene Ormandy.

ANA MARIA LIBERAL, 2018

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea em todo o mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann, destacando-se actuações recentes nos BBC Proms e na Konzerthaus de Viena. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2017/18, Brönnimann estreia-se no Lincoln Center em Nova Iorque para dirigir *Dark Mirror* de Zender, uma recriação da *Viagem de Inverno* de Schubert com Ian Bostridge, no Mostly Mozart Festival; e em concertos da temporada da Sinfónica de Oregon. Na Europa, apresenta-se pela primeira vez com a Sinfónica da Rádio de Frankfurt no Festival de Darmstadt; a Sinfónica WDR num programa que celebra o 100º aniversário do nascimento de Zimmermann; a Sinfónica Nacional da Estónia e a Orquestra Nacional de Lyon. Alguns dos momentos altos das temporadas anteriores foram projectos com as Filarmónicas de Oslo, Estocolmo, Estrasburgo e Bergen, a Philharmonia Orchestra e as Sinfónicas da BBC e de Seul, entre outras. Mais recentemente, estreou-se à frente da Sinfónica da Rádio de Viena, da Sinfónica Nacional Dinamarquesa e das Orquestras de Câmara Aurora e de Munique. Colabora

regularmente com o Klangforum Wien, em Viena e em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English Nacional Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski e *The Little Match Girl* de Lachenmann com o compositor no papel de narrador.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Veriko Tchumburidze *violino*

Com apenas 20 anos de idade, Veriko Tchumburidze ganhou o 1º Prémio no prestigiado Concurso de Violino Henryk Wieniawski, em 2016, atraindo de imediato a atenção dos principais festivais e orquestras mundiais. Nascida em Adana (Turquia), em 1996, começou a estudar música no Conservatório da Universidade de Mersin, com Selahattin Yunkuş e Lili Tchumburidze. Em 2010 prosseguiu os estudos com Dora Schwarzberg na Hochschule für Musik de Viena, integrada no projecto Young Musicians on World Stages (YMWS). Com 19 anos ingressou na Musikhochschule München, na classe de Ana Chumachenco, frequentando masterclasses com Igor Ozim, Albert Markov e Shlomo Mintz. Venceu o Concurso de Violino Gülden Turali (2004), o Concurso Nacional da Geórgia (2006) e a 7ª edição do Concurso Tchaikovski para Jovens Músicos (2012). Em 2013, foi nomeada “Artista Revelação” pela revista turca *Andante*. Actuou no concerto de abertura do 41º Festival de Música de Istambul, com a Sinfónica Borusan, e foi convidada para participar na Masterclass da Academia Seiji Ozawa e no Festival de Verbier, na Suíça.

Depois da gravação ao vivo do concerto do projecto YMWS, na Tonhalle de Zurique (ciclo de Música de Câmara 2014), foi convidada para se apresentar com a Orquestra de Câmara Suíça no KKL em Lucerna. De seguida foi seleccionada pela Orpheum Musik Stiftung de Zurique para gravar com a Orquestra de Câmara de Munique, sob a direcção de Howard Griffiths. Apresentou-se com agrupamentos internacionais como as Orquestras de Câmara de Zurique e de Munique, a Orquestra Estatal de Brandeburgo, a Musikkollegium Winterthur, a Orquestra do Teatro Mariinski, a Filarmónica

Borusan de Istambul e a Sinfonia Varsovia. Em Janeiro de 2016, tocou em Zurique para promover o lançamento do seu primeiro CD para a Sony e gravou *Schindler's List* de John Williams com a Orquestra de Câmara de Brandeburgo e Howard Griffiths, para a Klanglogo.

A Fundação Orpheum escolheu-a para o concerto de abertura do Festival de Cinema da Ópera de Zurique, em 2016. Enquanto membro do Trio Arte Ensemble, ganhou o 1º Prémio, na categoria de música de câmara, no Concurso Internacional Pietro Argento em Gioia del Colle, Itália. A formação apresentou a estreia mundial de *Ludus Modalis*, uma peça escrita para o grupo pelo compositor turco Özkan Manav. Depois de vencer o Concurso de Violino Henryk Wieniawski, Veriko Tchumburidze tem sido convidada para tocar em inúmeros festivais tais como Festival de Páscoa Beethoven, Academia e Festival Gstaad Menuhin, Festival de Música de Schleswig-Holstein, Musica Mundi e Olympus Musicus, com figuras como Nicholas Angelich, Maxim Vengerov, Lisa Batiashvili e Michael Sanderling, entre outros.

Veriko Tchumburidze toca num violino Giambattista Guadagnini de 1756, generosamente cedido pela Deutsche Stiftung Musikleben.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austriaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Radu Ungureanu
Evandra Gonçalves
Maria Kagan
José Despujols
Emília Vanguelova
Andras Burai
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*
Flávia Marques*
Sara Veloso*
Joana Machado*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Paul Almond
Mariana Costa
José Sentieiro
Jorman Hernandez*
Raquel Santos*
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Jean Loup Lecomte
Francisco Moreira
Rute Azevedo
Emília Alves

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Slawomir Marzec
Jean-Marc Faucher*

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
João Moreira*
Gergely Suto

Saxofone

Fernando Ramos*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
Luís Duarte Moreira*
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino
José Santos**

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Angelica Salvi*

Piano

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

**estagiário Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo - IPP

16 Jun Sáb - 18:00 Sala Suggia
Ingolf Wunder

Ciclo Piano Fundação EDP

W. A. Mozart *Sonata n.º 12 em Fá maior, K.332*

L. van Beethoven *Sonata n.º 23, Appassionata*

–

F. Chopin *Três Nocturnos, op.9;*

Polonaise-Fantasia, op.61; Polonaise, op.53

O pianista austríaco mais reputado da nova geração está de regresso ao Ciclo de Piano da Casa da Música, onde já impressionou o público com o seu virtuosismo insuperável, uma técnica irrepreensível e um *cantabile* extremamente expressivo. Figura regular nos palcos mais prestigiados desde que foi premiado nos concursos Steinway de Hamburgo, Franz Liszt de Budapeste e Chopin de Varsóvia, Ingolf Wunder lançou a sua carreira internacional com um contrato para a prestigiada editora Deutsche Grammophon. O programa é constituído por obras favoritas do repertório pianístico, nomeadamente algumas das composições mais conhecidas de Mozart, Beethoven e Chopin.

19 Jun Ter - 19:30 Sala Suggia
Cabaret Contemporâneo

**Remix Ensemble &
Coro Comunitário**

Pedro Neves direcção musical

Digítópia Collective electrónica

Raquel Couto actriz

Philip Venables *The Gender Agenda, para*
apresentador, ensemble, coro e público

(estreia em Portugal; encomenda Art Mentor
Foundation Lucern)

–

Oscar Bianchi *Orango, para ensemble e público*

(estreia em Portugal; encomenda Art Mentor
Foundation Lucern)

As fronteiras entre o palco e a plateia esbatarem-se neste concerto especial em que todos tomam parte na recriação e interpretação de peças musicais compostas propositadamente para a ocasião. O projecto “Connect” da Art Mentor Foundation Lucerne desafia as convenções e tem dimensão europeia, contando com as colaborações de prestigiados ensembles de música contemporânea – entre nós o Remix Ensemble, noutros países a London Sinfonietta, o AskolSchönberg e o Ensemble Modern. As obras são encomendas a dois compositores premiados: o italiano Oscar Bianchi, conhecido especialmente por obras em grande escala que procuram constantemente a inovação e se inspiram na música das mais diversas geografias; e Philip Venables, compositor britânico especialmente interessado nos cruzamentos entre música e teatro e em temas socialmente relevantes que passam pela política, a sexualidade e a violência.



casa da música

PATROCÍNIO VERÃO
NA CASA SUPER BOCK



MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

